

Argumentação e Linguagem 2

Marcelo Máximo Purificação
Sheila Maria Pereira Fernandes
Akira de Alencar Borges Bessa
(Organizadores)



Argumentação e Linguagem 2

Marcelo Máximo Purificação
Sheila Maria Pereira Fernandes
Akira de Alencar Borges Bessa
(Organizadores)



Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lillian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Emely Guarez
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadores: Marcelo Máximo Purificação
Sheila Maria Pereira Fernandes
Akira de Alencar Borges Bessa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

A694 Argumentação e linguagem 2 [recurso eletrônico] /
Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Sheila Maria
Pereira Fernandes, Akira de Alencar Borges Bessa. -
Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5706-443-6
DOI 10.22533/at.ed.436202509

1. Língua portuguesa - Composição e exercícios.
2. Linguística. I. Purificação, Marcelo Máximo. II. Fernandes,
Sheila Maria Pereira. III. Bessa, Akira de Alencar Borges.
CDD 469.8

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Caríssimos leitores, apresentamos a vocês a obra “Argumentação e Linguagem 2”, que traz de forma interdisciplinar o diálogo argumentativo e prático, materializado no desenho teórico de investigações que foram desenvolvidas por pesquisadores de instituições diversas de nosso país. Uma obra, que chega num momento, marcado pela complexidade do distanciamento social. Momento esse, em que as pessoas estão experimentando outras formas de diálogos. Nesse cenário, falar de argumentação e linguagem nos remete a retórica clássica que permeia o discurso, realizado e o seu efetivo resultado nas práticas e relações sociais. E, dessa junção cercada de simbolismo nos deparamos com as representações do social, se alargando nos mais variados discursos.

A obra está estruturada em 21 artigos teóricos organizados em duas partes. A primeira integra 11 artigos que perpassam a temática “Argumentação e Linguagem” nos seguintes liames: leitura interativa, letramento, literatura infantil, diálogos, semioses múltiplas, mapas conceituais, tramas, portfólio de textos, produção textual entre outros. Na segunda parte, são 10 artigos que fazem a integração dialógica com a temática desta obra, a partir dos seguintes vieses: pensamento computacional, formação de professores, oficinas pedagógicas, relatos, linguística, ensino da língua portuguesa, literatura infantil/juvenil contemporânea, análise, discurso, articulações.

A diversidade de temas discutidos na obra, mostra a sua pluralidade -, cenário propício para o desenvolvimento de argumentos e linguagens.

A todos, uma boa leitura.

Marcelo Máximo Purificação
Sheila Maria Pereira Fernandes
Akira de Alencar Borges Bessa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
LETRAMENTOS E ETNOGRAFIA EM UMA ESCOLA NA COMUNIDADE QUILOMBOLA SÃO DOMINGOS	
Luiz Henrique Gomes Silva	
DOI 10.22533/at.ed.4362025091	
CAPÍTULO 2	8
LITERATURA INFANTIL E JUVENIL: CAMINHOS PARA LEITURA INTERATIVA, ESCRITA E ORALIDADE	
Edite Sampaio Sotero Leal	
DOI 10.22533/at.ed.4362025092	
CAPÍTULO 3	15
MAPAS CONCEITUAIS DIGITAIS NO ENSINO DE LÍNGUAS	
Roseli Wanderley de Araújo Serra	
Andréa Moreira Gonçalves de Albuquerque	
Roberta Varginha Ramos Caiado	
DOI 10.22533/at.ed.4362025093	
CAPÍTULO 4	25
O ENSINO DE LIBRAS E AS DIFICULDADES DOS DISCENTES OUVINTES	
Antonilde Santos Almeida	
Javã Fonseca Sousa Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.4362025094	
CAPÍTULO 5	31
O DIÁLOGO DAS CORES ENTRE PASTORAL DE OSMAN LINS E A PINTURA DE CARAVAGGIO	
Ana Márcia Braga de Amorim	
Josemeire Caetano da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.4362025095	
CAPÍTULO 6	38
O ESPAÇO DAS SEMIOSES MÚLTIPLAS NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA	
Júlia Vieira Correia	
DOI 10.22533/at.ed.4362025096	
CAPÍTULO 7	45
O ILUMINISMO E A CRISE ÉTICA NA MODERNIDADE A PARTIR DE ALASDAIR MACINTYRE	
Jacson Alexssandro Guerra	
DOI 10.22533/at.ed.4362025097	
CAPÍTULO 8	53
O LOBO NA LITERATURA INFANTIL: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A	

DES(CONSTRUÇÃO) DA FIGURA DO LOBO MAU NAS NARRATIVAS INFANTIS

Soraya de Souza de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.4362025098

CAPÍTULO 9..... 59

O PORTFÓLIO DE TEXTOS COMO MEIO DE APRIMORAMENTO DA PRODUÇÃO TEXTUAL NO ENSINO MÉDIO

Jozil dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.4362025099

CAPÍTULO 10..... 66

O QUE A LÍNGUA REVELA SOBRE AS PROPOSTAS PARA EDUCAÇÃO PÚBLICA DE UM CANDIDATO À PRESIDÊNCIA QUE NUNCA ENTROU EM UMA ESCOLA?

Márcio Battisti

DOI 10.22533/at.ed.43620250910

CAPÍTULO 11 72

OBSESSÃO E RESGATE EM TRAMAS DO DESTINO

Jorge Leite de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.43620250911

CAPÍTULO 12..... 79

PENSAMENTO COMPUTACIONAL E FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA ÁREA DE LINGUAGEM: PERSPECTIVAS PARA CURSOS DE LICENCIATURA

Fabiana Diniz Kurtz

Denilson Rodrigues da Silva

DOI 10.22533/at.ed.43620250912

CAPÍTULO 13..... 88

PRECISA ESCREVER QUANTOS PARÁGRAFOS? UMA ANÁLISE DE RELATOS AUTOBIOGRÁFICOS NA UNIVERSIDADE

Erica Reviglio Iliovitz

DOI 10.22533/at.ed.43620250913

CAPÍTULO 14..... 94

OFICINAS PEDAGÓGICAS: REDIMENSIONANDO PRÁTICAS À LUZ DA EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA

Allan de Andrade Linhares

DOI 10.22533/at.ed.43620250914

CAPÍTULO 15..... 112

OS NOVOS PROTAGONISTAS NAS TRANSFORMAÇÕES DAS ESCOLAS PÚBLICAS URBANAS DE BARRA DO GARÇAS/MT: ESTUDANTES INDÍGENAS DA ETNIA XAVANTE

Marly Augusta Lopes de Magalhães

Aníbal Monteiro de Magalhães Neto

Mônica Maria dos Santos

Marcelle Karyelle Montalvão Gomes

Luis Carlos Oliveira Gonçalves

DOI 10.22533/at.ed.43620250915

CAPÍTULO 16..... 119

O ETHOS DISCURSIVO DE UM POLÍTICO EM ASCENSÃO

Silvia Maria Ribeiro

Cássia Cristina Rodrigues da Silva Sampaio

DOI 10.22533/at.ed.43620250916

CAPÍTULO 17..... 126

VALORAÇÕES E ACEPÇÕES DICOTÔMICAS DE ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA EM DISCURSOS: ARTICULAÇÕES SEMÂNTICO-AXIOLÓGICA E TEMÁTICO-COMPOSICIONAL

Fernanda Dias de Los Rios Mendonça

DOI 10.22533/at.ed.43620250917

CAPÍTULO 18..... 132

VIOLÊNCIA DOMESTICA CONTRA MULHER NO BRASIL: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA

Ana Lina Gomes dos Santos

Andressa Maria Lima Sousa

Iana Samara Braga Rodrigues

Izangela Souza Chaves

Neurilene Gomes dos santos

Maria Paula da Silva Oliveira

Kelly Evenlly da Silva Santos

Maria Antonieta Falcão de Freitas

Rosália Maria Rodrigues Santos

Laelson Rochelle Milanês Sousa

DOI 10.22533/at.ed.43620250918

CAPÍTULO 19..... 145

PROGRESSÃO REFERENCIAL ENTRE TEXTOS: O CRUZAMENTO DE ANÁLISES QUALITATIVA E QUANTITATIVA PARA A COMPREENSÃO DE UMA COBERTURA CONTÍNUA

Karina Menegaldo

DOI 10.22533/at.ed.43620250919

CAPÍTULO 20..... 152

SOBRE O QUE SE FINGE NÃO VER: REPRESENTAÇÕES DA “INDIFERENÇA SOCIAL” NA LITERATURA INFANTIL/JUVENIL CONTEMPORÂNEA

Adriana Falcato Almeida Araldo

DOI 10.22533/at.ed.43620250920

CAPÍTULO 21..... 162

SENSACIONALISMO NO DISCURSO JORNALÍSTICO: A CONSTRUÇÃO DO ESCÂNDALO NA NOTÍCIA POR MEIO DO GROSTESCO

Deborah Gomes de Paula

Regina Célia Pagliuchi da Silveira

DOI 10.22533/at.ed.43620250921

SOBRE OS ORGANIZADORES 171

ÍNDICE REMISSIVO 173

CAPÍTULO 7

O ILUMINISMO E A CRISE ÉTICA NA MODERNIDADE A PARTIR DE ALASDAIR MACINTYRE

Data de aceite: 01/10/2020

Jacson Alexssandro Guerra

RESUMO: Para MacIntyre, a crise ética que vivemos hoje originou-se na mudança de visão de mundo que aconteceu com o Renascimento. Em São Tomás de Aquino, assim como em Aristóteles, a ação moral é pensada tendo em vista a coletividade, o bem comum. A partir do Renascimento, o indivíduo se torna, progressivamente, a fonte de valores morais e direitos. Vejamos, a seguir, como isso se dá, na visão do filósofo escocês.

PALAVRAS-CHAVE: Crise ética, iluminismo, emotivismo, moral.

1 | O FRACASSO DO RACIONALISMO ILUMINISTA

“Iluminismo” é um termo que designa um movimento intelectual que ocorreu na Europa por volta do século XVIII, denominado como Século das Luzes. Esse período teve como objetivo o aprimoramento do pensamento crítico e a primazia da razão. O objetivo inicial desse período é o aprimoramento do processo intelectual que permitiria ao homem ser capaz de pensar por si mesmo.

A característica principal desse período é a crença no poder da razão e na possibilidade de reorganizar a sociedade com base em

princípios racionais (Cf. VIEIRA, 2002, p. 26). Nesse período a tarefa principal do homem é o conhecimento e o domínio sobre a natureza e o objetivo é a substituição da tradição pela razão.

O Iluminismo deu continuidade ao Renascimento do século XVII. O Renascimento foi a ruptura da concepção teocêntrica para uma concepção antropocêntrica de mundo, colocando o homem como o centro do mundo. Isso fez com que se rejeitasse a tradição aristotélica-tomista.

Somos herdeiros da cultura iluminista, que teve como prioridade a razão, pretendendo reorganizar as sociedades por intermédio dela. A confiança dada à razão, nesse período, nega o período imediatamente anterior, de crença em Deus e de que seus propósitos e vontades podem ser conhecidos. O iluminismo representa, portanto,

uma cultura em que aconteceram não só mudanças de crenças, mas mudanças nos modos de crer, que tornaram o problema da justificação da crença, mais especialmente a da justificação da crença moral, eixo quase obrigatório de sua reflexão moral. (CARVALHO, 1999, p.36).

Para MacIntyre, a falha no projeto iluminista encontra-se em sua origem, pois cada iluminista queria orientar seu pensamento à sua

maneira, tomando como ponto de partida a sua natureza particular. Com o advento do Iluminismo, os princípios morais deveriam ser reformulados, fundamentados a partir do indivíduo e, com isso, serem válidos para os demais.

Conforme o escocês, a falha desse projeto está em não possuir um *télos*⁶ que orientasse os pensadores para obter uma filosofia “única” e não possuírem nenhuma noção ou conceito que seu fundamento fosse teleológico.

MacIntyre apresenta como principais representantes dessa cultura Immanuel Kant (1724-1804), David Hume (1711-1776), Denis Diderot (1713-1784) e Adam Smith (1723-1790). De acordo com o pensador, Diderot não conseguiu analisar os desejos que fossem capazes de validar a moralidade e Hume fundamentou a moralidade nas paixões e a tornou sem valor objetivo.

Por fim a filosofia moral de Kant não conseguiu fornecer argumentos para formular teorias morais que orientassem nossa ação. A filosofia kantiana foi uma tentativa de responder às teorias anteriores, de Hume e Diderot, mas fracassou.

Todos esses escritores têm em comum o projeto de construir argumentos válidos que passe das premissas relativas à natureza humana, conforme a entendem, às conclusões sobre a autoridade das normas e dos preceitos morais. Quero argumentar que qualquer projeto dessa forma estava fadado ao fracasso, devido a uma discrepância inerradicável entre seu conceito em comum de normas e preceitos morais, por um lado, e o que tinha em comum – apesar de divergências muito maiores – em seu conceito de natureza humana, por outro lado. (MACINTYRE, 2001, p. 99).

O objetivo de MacIntyre é mostrar que os Iluministas não foram capazes de apresentar uma teoria moral que conseguisse chegar à natureza humana e não conseguiram encontrar uma estrutura de pensamento para chegar a um fim último, uma finalidade, *télos* que direciona as ações humanas para agirem moralmente.

Os filósofos morais do século XVIII empenharam-se no que foi um projeto inevitavelmente fracassado, pois tentaram, de fato, descobrir uma base racional para suas crenças morais num entendimento particular da natureza humana, tendo herdado um conjunto de mandados morais e um conceito de natureza humana que foram expressamente criados para serem discordantes um do outro. (MACINTYRE, 2001 p. 103-104).

Com a rejeição da Modernidade advinda dos iluministas é necessário retornar à formulação do *télos* em sua origem, a Antiguidade. Segundo o escocês, a formulação do esquema moral aristotélico apresenta três elementos: “a natureza humana sem instrução, ‘o homem como poderia ser se realizasse seu *télos*’ e os preceitos morais que o capacitam a passar de um estado a outro” (MACINTYRE, 2001, p. 103).

É necessário o retorno à concepção aristotélica de moralidade orientada para a comunidade, não para o indivíduo, isto é, voltarmos a quem identificou como necessário o *télos*, Aristóteles, cujo conceito central de uma teleologia, segundo o escocês, é “o conceito de *homem* compreendido como ser que tem uma natureza essencial e uma finalidade ou função essencial” (MACINTYRE, 2001, p. 109, grifo do autor).

2 | O FRACASSO DO UTILITARISMO

O Utilitarismo, corrente de filosofia moral que teve origem no Iluminismo, é um pensamento de natureza teleológica, ou seja, tem em vista um fim a ser alcançado, que é o interesse do indivíduo. O fundador dessa escola de pensamento foi Jeremy Bentham (1748 – 1832). Para ele, o interesse do indivíduo (ou princípio de utilidade) é a obtenção do prazer e o abandono da dor. Como projeto de filosofia moral, o Utilitarismo fracassou por preocupar-se somente com o indivíduo. (Cf. CARVALHO, 2013, p. 137).

Um dos principais problemas que encontramos no discurso ético dos modernos é que, diferentemente de Aristóteles, a modernidade estabelece uma divisão entre fato e valor. Essa mudança de sentido deu-se com a influência de Isaac Newton⁷. Os modernos “passaram a modelar a compreensão da conduta humana. O ideal da explicação mecânica se transferiu da física para o campo da ação humana” (CARVALHO, 2013, p. 141). Para MacIntyre “o ‘fato’ torna-se desprovido de valor, o ‘é’ torna-se alheio ao ‘dever’, e a explicação, bem como a avaliação, muda de caráter em consequência desse divórcio entre o ‘ser’ e o ‘dever-ser’” (MACINTYRE, 2001, p. 149).

3 | O FRACASSO DA FILOSOFIA DE NIETZSCHE

MacIntyre coloca frente a frente, ainda, Aristóteles e Nietzsche (1844 – 1900), como grandes expoentes da história da filosofia. Na visão do escocês, Nietzsche foi quem conseguiu perceber a crise moral da contemporaneidade, pois os discursos morais se revestiam de uma falsa objetividade. Como tal, são contrários à vontade subjetiva, na visão nietzschiana.

Ainda assim, seu grande e principal fracasso foi trocar a razão pela vontade, isto é, “o erro de Nietzsche foi generalizar as condições de uma época para a moralidade como um todo”. (GONÇALVES, 2012, p. 32).

Se a moralidade não for nada mais que expressões da vontade, minha moralidade só pode ser o que minha vontade criar. Não pode haver lugar para ficções como direitos naturais, utilidade, a maior felicidade do maior número de pessoas. Eu mesmo devo agora criar “novas tabelas do que é bom”. (...) então, decide Nietzsche, que a vontade substitua a razão e que nos tornemos sujeitos morais autônomos (...). Esse problema constituiria o núcleo de uma filosofia moral nietzschiana, porque é na sua incessante pesquisa do problema, e não em suas soluções frívolas, que está a grandeza de Nietzsche, a grandeza que faz dele *o grande filósofo moral* se as únicas alternativas à filosofia moral de Nietzsche forem aquelas formuladas pelos filósofos do Iluminismo e seus sucessores (MACINTYRE, 2001, p. 197 grifo do autor).

Nietzsche está, pois, no apogeu do individualismo, caracterizado pela figura do homem nietzschiano, o *além do homem*. Esse homem transcendente e autossuficiente e “até hoje não encontrou seu bem em lugar nenhum do mundo social, mas somente

naquilo que, dentro de si mesmo, dita sua própria lei e sua própria nova tabela das virtudes” (MACINTYRE, 2001, p. 431). Conforme diz Carvalho, o homem nietzschiano, o *Übermensch*, é o ponto central de sua filosofia, o solipsismo moral, um homem solitário e isolado da sociedade. (Cf. CARVALHO, 2013, p. 145).

Na visão macintyreana o super-homem não é um conceito, é um pseudoconceito, mera tentativa individualista do homem de escapar das consequências. MacIntyre faz uma análise de todos os pensadores da ética e chega à conclusão de que a única oposição real que há ao pensamento de Nietzsche é a filosofia moral de Aristóteles.

O aristotelismo é, *filosoficamente*, a mais poderosa modalidade pré-moderna do pensamento moral. Para se justificar uma tese moral e política pré-moderna em comparação com a modernidade, ela deve ser *mais ou menos* semelhante à aristotélica, caso contrário é impossível. (MACINTYRE, 2001, p. 204, grifo do autor).

Para MacIntyre, o confronto entre Nietzsche e Aristóteles não é simplesmente o de duas teorias distintas, mas de dois modos de se viver. O primeiro é o agir de acordo com a vontade, o auge do individualismo. Já Aristóteles propõe a teoria das virtudes que é uma disposição do sujeito para agir virtuosamente. O escocês sugere o retorno a Aristóteles não por sua filosofia ter prevalecido tanto tempo, mas pelo fato de que sua estrutura de pensamento é, filosoficamente, a mais influente em toda a história e sua proposta da ética das virtudes nos auxilia, hoje, a enfrentar a crise dos valores e a crise da ética contemporânea.

4 | DO DESACORDO MORAL AO EMOTIVISMO

Uma terceira causa para a crise ética da modernidade é o fato de não existir uma teoria moral hegemônica, que seja coerente e represente um consenso em torno dos valores morais. O que temos são teorias fragmentadas que solucionam parte dos problemas, mas não conseguem oferecer alternativas para a crise. Nesse cenário a moralidade é apenas um simulacro da moral, isto é, algo que aparenta ser, mas não o é. Hoje existe uma vasta gama de teorias morais fragmentadas e não coesas. Se juntarmos todas essas teorias, não formaríamos uma única teoria moral consistente, que pudesse servir para todos. As teorias existentes são dicotômicas e não formam uma teoria que solucione o problema.

O que possuímos são fragmentos de um esquema conceitual, partes às quais atualmente faltam os contextos de onde derivavam seus significados. Temos, na verdade, simulacros da moralidade, continuamos a usar muitas das expressões principais. Mas perdemos – em grande parte, se não totalmente – nossa compreensão, tanto teórica quanto prática, da moralidade. (MACINTYRE, 2001, p.15)

A fragmentação das teorias morais instalou um caos na própria filosofia. Conforme diz MacIntyre, a maior parte das teorias deseja expressar os desacordos e com isso travam

debates intermináveis entre si. Em meio a tantos fragmentos conceituais, o sujeito moral não consegue estabelecer e definir justificativas racionais para suas ações. Com isso, não consegue definir como o sujeito deve agir.

Segundo o pensador, a linguagem moral contemporânea amparou-se no emotivismo, “doutrina segundo a qual todos os juízos valorativos e, mais especificamente, todos os juízos morais *não passam* de expressões de preferência de sentimento ou atitudes, na medida que são de caráter moral ou valorativo” (MACINTYRE, 2001, p. 30, grifo do autor).

Com o advento do emotivismo perdeu-se toda a tentativa de validar as ações do sujeito de modo objetivo. A validade emotivista é advinda dos juízos morais e impossível quando os juízos morais estão atrelados à perspectiva subjetiva e emocional de cada sujeito. O agir do sujeito emotivista está desvinculado de toda racionalidade prática, pois a fundamentação está no âmbito dos sentimentos e emoções, isto é, não são fundamentados racionalmente.

No emotivismo não se tem mais uma verdade moral, mas somente uma manifestação pessoal do que seria bom para o sujeito, implicando, assim, na declaração das expressões da manifestação dos sentimentos. Com isso não é possível fundamentar os juízos, por exemplo o juízo de bom, pois “toda a responsabilidade de fundamentar esses juízos é repassada para o indivíduo que formula seus próprios princípios morais com a intenção apenas de fornecer justificativas para suas escolhas” (FONTENELE, 2012, p. 17).

MacIntyre apresenta três motivos pelos quais a teoria emotivista não pode constituir um fundamento para as ações humanas. Primeiramente, o emotivismo não consegue identificar quais são os sentimentos envolvidos nos juízos morais, de tal modo que todas as tentativas de explorar a finalidade dos juízos morais se tornaram um círculo vazio.

“Os juízos morais expressam sentimentos ou atitudes”, é o que diz. “Que espécie de aprovação?”, perguntamos, talvez para acres centrar que existem diversos tipos de aprovação. É na resposta a essa pergunta que todas as versões do emotivismo permanecem em silêncio ou, ao identificar o tipo pertinente de aprovação como aprovação moral – isto é, o tipo de aprovação expressa por um juízo especificamente moral – assume uma circularidade vazia. (MACINTYRE, 2001, 32).

O segundo motivo é caracterizado como a teoria equivalente em significado de dois tipos de expressões, derivando, assim, funções que caracterizam a nossa linguagem. As expressões de preferências e sentimentos diferem das expressões de caráter valorativo.

Expressões de preferência pessoal e expressões valorativas (inclusive morais), citando o modo como as elocuições do primeiro tipo dependem de quem as emite para quem, por qualquer poder justificativo que tenham; ao passo que as elocuições do segundo tipo não são dependentes de forma semelhante, na sua força justificadora, do contexto da elocução. (MACINTYRE, 2001, p. 33).

O terceiro e último motivo apresentado pelo escocês é a tentativa de propor uma teoria do significado, porém o enunciado emitido está na tentativa do sujeito de influenciar,

convencer o outro de que sua ação é a melhor, como por exemplo o professor furioso porque o aluno não soube responder à pergunta feita, pois na verdade “o uso desse enunciado para expressar sentimentos ou atitudes não tem absolutamente nada a ver com seu significado” (MACINTYRE, 2001, p. 33).

Quando o sujeito não utiliza a razão para fundamentar suas ações, mas utiliza os desejos, a moralidade fracassa, impedindo o consenso moral. O emotivismo não concebe a existência de uma justificativa racional verdadeira, conseqüentemente não existem padrões morais e objetivos pessoais.

4.1 O Emotivismo Contemporâneo e seus Personagens

O emotivismo está presente na filosofia desde o século XX, principalmente na filosofia analítica. Mesmo Nietzsche e Sartre carregam alguns traços dessa teoria. Embora não sejam emotivistas, carregam seus pressupostos principais (Cf. GONÇALVES, 2012, p. 20). Em alguns pensadores da contemporaneidade, principalmente os estudiosos da moral, encontramos a pressupostos dessa teoria.

O indivíduo se torna objeto do sujeito, é manipulado pelo sujeito que exerce a ação, visando atingir seus objetivos pessoais, não importando os meios utilizados. Esse sujeito, MacIntyre chamou de *Eu Emotivista*, alguém para quem “o outro é sempre um meio, e não o fim” (MACINTYRE, 2001, p. 53).

A designação “Eu Emotivista” se justifica, no entendimento de MacIntyre, pela sua forma do agir moral se relacionar a um eu individual.

Com relação ao eu conforme apresentado pelo emotivismo, devemos, de imediato, salientar: que não pode ser simples ou incondicionalmente, identificado com *nenhuma* postura ou perspectiva moral em especial (...) só por causa do fato de seus juízos serem, no fim das contas, desprovidos de critérios. O eu especificamente moderno, o eu que eu chamei de emotivista, não encontra limites estabelecidos para aquilo que possa julgar, pois tais limites só poderiam provir de critérios racionais de avaliação e, como vimos, faltam tais critérios ao eu emotivista. (MACINTYRE, 2001, p. 65, grifo do autor).

O *eu* descrito pelo pensador escocês não é concebido na história, não se define na sociedade ou por meio dela e não precisa dela para se formar. Para MacIntyre, o emotivismo incorporou as práticas da vida cotidiana dos sujeitos emotivistas, fundamentando, assim, as práticas nas emoções. Esses sujeitos visam os bens externos.

O *eu emotivista* não possui nenhum caráter racional para fornecer parâmetros morais para seu comportamento. Nas palavras de MacIntyre, “esse eu democratizado que não possui conteúdo social necessário nem identidade social necessária pode ser, então, qualquer coisa, pode assumir qualquer papel ou adotar qualquer opinião, porque não é, em si, e para si, nada” (MACINTYRE, 2001, p.66). Assim, a teoria emotivista, na sua origem, surgiu como teoria dos enunciados, depois, teoria dos juízos morais e, por fim, a teoria dos enunciados na vida prática dos seres humanos.

No último século o emotivismo esteve presente nas estruturas internas das instituições públicas e privadas. MacIntyre identifica três personagens emotivistas nessas instituições: o esteta rico, o administrador e o terapeuta.

Antes de adentrar no papel que cada um desempenha, faz-se necessário compreender a concepção macintyreana de personagem e quais são seus papéis sociais. Começarei pela definição de papel social para depois ir ao personagem.

Os papéis sociais são definidos como uma atividade profissional. O sujeito em seus atos e ações está sob apoio da posição social e da atividade que exerce na comunidade. Já os personagens representam a cultura de cada época ou determinado contexto histórico.

É por meio dos personagens que possuímos auxílio moral para as ações humanas. Exemplificando: os personagens são os atores de uma peça de teatro, novela, isto é, aqueles atores que representam determinado personagem. Após ter conhecido o papel, representado pelo personagem se torna mais fácil a compreensão da temática central e isso é o mesmo com o personagem emotivista na sociedade contemporânea. Enfim, um determinado papel social torna-se personagem assim que é incorporado à personalidade do indivíduo.

Os personagens têm uma dimensão digna de nota. São, por assim dizer, os representantes morais de sua cultura, e o são devido ao modo com as ideias e as teorias morais e metafísicas assumem, por intermédio deles, uma existência incorporada ao mundo social. Os personagens são as maçaras usadas pelas filosofias morais. Tais teorias, tais filosofias, entram, naturalmente, na vida social de inúmeras maneiras: a mais óbvia talvez seja na forma de ideias explicitáveis em livros, sermões ou conversas, ou como temas simbólicos em quadros, peças de teatro ou sonhos. Mas podemos esclarecer a maneira característica como dão forma à vida dos personagens levando em conta como os personagens fundem o que em geral se acredita pertencer ao indivíduo e o que normalmente se pensa pertencer a papéis sociais. (MACINTYRE, 2001, p. 59).

Feita essa breve distinção entre personagem e papel social voltaremos aos três personagens da nossa sociedade que têm definido a nossa estrutura moral, porém não se envolvem diretamente em nenhum debate moral. “Assim, com esses personagens são mantidas as principais máscaras morais usadas pela sociedade” (FONTENELE, 2012, p. 23). Esses personagens surgiram por conta da transformação histórica do eu e da linguagem moral, a história de cada um desses sujeitos está relacionada com a história da linguagem moral. Sendo assim, a linguagem moral está fundamentada e formulada por esse eu que funda suas ações nessa linguagem emotivista. Esses personagens são os que representam essas crenças e padrões de comportamento e passam a definir o Eu emotivista dentro de cada campo.

O administrador é o principal personagem da sociedade contemporânea. É no campo da burocracia que estão sendo mantidas, criadas, conduzidas as relações humanas. A função dele é de conduzir as relações humanas não importando o meio a ser utilizado para

alcançar determinado fim, isto é, o fim que o administrador busca é o lucro e para chegar no lucro ele não importa o que é necessário ser feito para alcançá-lo. Pois “a racionalidade burocrática é a racionalidade de combinar meios e fins de maneira econômica e eficaz” (MACINTYRE, 2001, p. 55).

O esteta rico é o personagem em que a finalidade está na busca do prazer e evitar qualquer coisa que lhe possa proporcionar dor e sofrimento. Utiliza o outro como meio para satisfazer suas vontades e desejos. Os indivíduos para ele são manipuláveis, por isso ele utiliza do administrador para cuidar do espaço burocrático “vê no mundo social nada além de um ponto de encontro para seus desejos individuais, cada um com seu próprio conjunto de atitudes e preferências, e que só entendem esse mundo como uma arena para as realizações da própria satisfação” (MACINTYRE, 2001, p. 54).

O último personagem é o terapeuta. Sua função é a de conduzir o sujeito que está com algum tipo de neurose psíquica para tratá-lo, isto é, tratar os indivíduos com problemas psíquicos para que voltem a desempenhar seu papel na sociedade. Há também os estetas ricos que procuram os terapeutas para que não sintam as dores psíquicas, pois seus objetivos são a obtenção do prazer. Em alguns casos os terapeutas têm de fazer com que eles encontrem suas identidades. Porém na sociedade contemporânea a função principal deles é a primeira.

O terapeuta também trata os fins como fatos consumados, fora de sua alçada; também se ocupa da técnica, da eficiência na transformação dos sintomas neuróticos em energias direcionadas, dos indivíduos desajustados em indivíduos ajustados. (MACINTYRE, 2001, p. 63).

O esteta rico, o administrador e o terapeuta representam a personificação do éthos emotivista, isto é, eles representam, incorporam e expressam o éthos de uma determinada cultura. No mundo contemporâneo eles representam o eu moderno emotivista, ou seja, o eu que não possui critérios morais racionais.

Desse modo concluímos esta pesquisa apresentando que a crise moral da contemporaneidade analisada pelo nosso pensador originada com o Iluminismo. O Iluminismo contribuiu para a mudança de concepção de mundo, isto é, a visão antropocêntrica e conseqüentemente a recusa da tradição aristotélica-tomista. A partir do Iluminismo originaram-se o utilitarismo, a recusa da razão pelo uso da vontade de Nietzsche, do desacordo moral para as duas etapas do emotivismo com seus personagens que são muito presentes na nossa sociedade.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise 38, 44, 82, 87, 119, 120, 121, 123, 125, 126, 127, 131, 136, 162

Análise Crítica do Discurso 82, 162

Aprendizado 15, 28, 29, 94

D

Dialógica 10, 88, 93, 97, 98, 100, 126, 127, 128, 131, 153, 160

Discurso 10, 15, 16, 18, 24, 38, 44, 47, 60, 67, 68, 70, 71, 82, 98, 99, 101, 104, 105, 106, 110, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 145, 146, 147, 148, 150, 151, 160, 162, 164, 169, 170

E

Ensino 8, 12, 15, 16, 30, 39, 43, 44, 59, 60, 65, 66, 67, 69, 87, 109, 110, 112, 126, 132, 171, 172

Ensino de Língua Portuguesa 30, 66, 126

Entrevista 119, 120, 122, 123, 124

Enunciação 66, 68, 70, 108, 119, 120, 122, 123, 124, 125

Escrita 3, 4, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 17, 19, 25, 39, 59, 60, 62, 64, 75, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 102, 103, 108

Estrutura Discursiva 126

Estudo de Caso 72

Estudo de Texto 66

Etnografia 1, 2, 4, 6, 7, 82

F

Ferramentas Digitais 15, 16, 17, 19, 21, 23

Formação Docente Inicial 126

I

Interpretação Textual 38, 40

L

Leitura 3, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 23, 24, 27, 31, 37, 39, 40, 41, 43, 44, 61, 64, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 95, 98, 99, 100, 103, 108, 109, 110, 113, 135, 151, 162, 170

Letramentos 1, 2, 3, 4, 6, 15, 17, 19, 24

Libras 25, 26, 27, 28, 29, 30

Língua Portuguesa 10, 13, 14, 15, 16, 26, 30, 38, 59, 60, 63, 64, 65, 66, 67, 86, 94, 110,

111, 126, 127, 130, 131, 162

Literatura 8, 31, 53, 55, 58, 110, 132, 152, 158, 161

Literatura Infantil 8, 53, 54, 55, 57, 58, 152, 158, 161

M

Mapas Conceituais 15, 16, 19, 20, 21, 23

Metodologia Ativa 60, 94, 95, 97, 99, 110

N

Narração Infantil 53

Narrativa 32, 33, 34, 35, 56, 72, 74, 88, 90, 93, 98, 99, 110, 111, 157, 159, 163

P

Pastoral 31, 32, 33, 34, 35

R

Recurso Pedagógico 94, 95

Referenciação 145, 147, 150, 151

T

Textos Multimodais 24, 38, 40, 42, 162, 165

V

Vídeos 38, 39, 40, 42, 43, 96

Argumentação e Linguagem 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Argumentação e Linguagem 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 